

ATENÇÃO E CUIDADO PARA MULHERES MÃES ACOMPANHANTES DE BEBÊS PREMATUROS: A ATUAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO “HUMANIZAÇÃO”

ATTENTIVENESS AND CARE TO WOMEN MOTHERS ACCOMPANYING THEIR PREMATURE BABIES: THE PERFORMANCE OF THE PROJECT “HUMANIZATION”

Submissão:
05/10/2022
Aceite:
05/06/2023

Mariana Dalcarobo Antochevicz ¹  <https://orcid.org/0000-0002-8757-8141>
Josiane dos Santos Silva ²  <https://orcid.org/0000-0002-7446-361X>
Cauynê Freitas Vieira ³  <https://orcid.org/0000-0002-1512-3762>
Vanessa Thomazini Cardoso ⁴  <https://orcid.org/0000-0001-5778-6436>
Cristina Ide Fujinaga ⁵  <https://orcid.org/0000-0003-0852-1567>
Caroline Guisantes de Salvo Toni ⁶  <https://orcid.org/0000-0003-2114-1964>

Resumo

O projeto “HumanizAÇÃO: grupo de apoio, empreendedorismo e empoderamento feminino para mães de prematuros” é desenvolvido por professoras e acadêmicas dos cursos de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), com o objetivo de oferecer acolhimento, escuta, lazer e oportunidades de empreender para mulheres mães acompanhantes de bebês prematuros internados em uma UTIN. O presente trabalho tem como foco principal descrever as atividades realizadas com essas mulheres mães participantes do Projeto HumanizAÇÃO, apresentando as potencialidades das ações tanto para as mulheres mães participantes quanto para as integrantes da equipe. As atividades realizadas puderam oferecer bem-estar, autonomia, descontração, lazer, escuta e acolhimento para as mulheres acompanhantes, bem como pôde contribuir significativamente para a formação da equipe de alunas e professoras, oferecendo a possibilidade de experiências práticas na área da saúde.

Palavra-chave: Bem-estar materno; Unidades de Terapia Intensiva Neonatal; Acolhimento; Humanização da assistência.

¹ Graduanda do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro mariana17.dal@gmail.com

² Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro silvajosi2002@gmail.com

³ Psicóloga, graduada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro cauynievieira.psi@gmail.com

⁴ Psicóloga, graduada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro cardosvane@gmail.com

⁵ Professora de Fonoaudiologia e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da Unicentro cifujinaga@gmail.com

⁶ Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro, campus Irati-PR carolinegs@unicentro.br

Abstract

The project “Humanization: support, entrepreneurship and women’s empowerment group for parents of premature babies” developed by teachers and students of psychology and phonoaudiology graduations courses of Midwestern Paraná State University (UNICENTRO), with the aim of providing embracing space, active listening, leisure time and opportunities to women mothers accompanying their hospitalized babies in the NICU. The main focus of the study is discussing the developed actions with those attending women mothers of the project Humanization, presenting the action’s potentialities both for the women mothers and the team members. The developed activities were able to provide well-being, autonomy, relaxing time, leisure time, active listening, and embracing space for the women mother accompanying their babies, as well as meaningful contributions for the team members academy development, providing possibilities of practical experiences in the health area.

Keywords: Maternal Welfare; Intensive Care Units, Neonatal; user embracement; Humanization of Assistance.

Introdução

A maternidade representa um processo contínuo de novas vivências, as quais provocam sentimentos, dificuldades e imposições singulares para cada mulher mãe (BARBOSA, 2019). Muitas vezes, a identidade social de mãe apaga a identidade social de mulher, o que contribui para o aparecimento de desarranjos emocionais no puerpério. Em meio a essas sensações, a mulher precisa desempenhar todas as suas funções estabelecidas pela sociedade (MACHADO et al., 2020).

Além disso, a maternidade ocasiona uma oscilação de emoções, como frustração e realização, atreladas à relação entre a expectativa e a realidade de tornar-se mãe. Tal situação pode exercer uma mudança nas percepções da mulher sobre a sua vida, os seus valores e as suas prioridades (HERBERTS, 2019). Considerando também a grande participação das mulheres no mercado de trabalho, há o desafio de aliar os papéis de mãe e profissional (JOST, 2018).

Essas transformações psicossociais desencadeadas pela maternidade fazem-se mais difíceis quando o bebê nasce prematuro, necessitando de assistência especializada na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). Durante a internação do filho, a mãe sente preocupação e medo, entre outras sensações que ora se misturam ora se alternam. Em meio a esse turbilhão de sentimentos relacionados ao recém-nascido (RN), a mãe encontra-se emocionalmente distante da vida fora do ambiente hospitalar (LIMA e SMEHA, 2019).

Em muitos hospitais, é permitida/estimulada a permanência da mãe no local, por longos períodos de tempo, para acompanhar o bebê. Nesse sentido, desenrola-se uma rotina exaustiva, que implica os cuidados com o filho e a adaptação ao espaço hospitalar. Por conseguinte, há uma sobrecarga da mulher com as demandas físicas e psicológicas desse contexto, restando pouco tempo para autocuidado, lazer e descanso (SANTOS et al., 2020).

Diante disso, diversas estratégias para reduzir os efeitos negativos da hospitalização do RN têm sido implementadas nos serviços de saúde materno-infantil. Os atendimentos em grupo, por exemplo, são uma maneira de auxiliar a mãe no enfrentamento dessa situação. Esses atendimentos possibilitam para a mulher o compartilhamento de experiências e sentimentos e a construção de uma rede de apoio (JOAQUIM, SILVESTRINI e MARINI, 2014). A formação de grupos também possibilita a

aproximação entre os profissionais de saúde e as mães, favorecendo a inserção e a protagonização das mulheres no processo de cuidado ao recém-nascido, como preconizado pela Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2004).

Partindo desse princípio, em 2018, criou-se o projeto de extensão “HumanizaÇÃO: grupo de apoio, empreendedorismo e empoderamento feminino para mães de prematuros”, desenvolvido de modo interdisciplinar por professoras e acadêmicas dos cursos de Psicologia e Fonoaudiologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). A iniciativa tem o intuito de oferecer acolhimento, escuta, lazer e oportunidades para as mulheres mães de bebês prematuros internados na UTIN do hospital Santa Casa de Irati, no estado do Paraná.

Durante as ações, são propiciados espaços de escuta e acolhimento às mulheres mães, para que elas se sintam seguras para falar sobre si mesmas ou compartilhar suas vivências no ambiente hospitalar, no qual se encontram vulneráveis e atravessadas por sentimentos conflitantes. Além disso, pretende-se que elas possam reconhecer oportunidades de inovar e empreender, a partir das habilidades que possuem.

Por essa razão, o projeto busca elaborar ações pautadas na Política Nacional de Humanização (PNH), que pressupõe “olhar cada sujeito em sua especificidade, sua história de vida, mas também de olhá-lo como sujeito de um coletivo, sujeito da história de muitas vidas.” (BRASIL, 2004). Ainda, há a intenção de proporcionar um lugar no qual estas mulheres possam se expressar e ter oportunidades de ser e existir enquanto mulheres e mães de prematuros. Tais condutas se tornam essenciais em situações de angústia, já que a família necessita de escuta e acolhimento, para que possam ter algum alívio dos sentimentos negativos que estão vivenciando (VASCONCELOS, FERREIRA e SCOCHI, 2008).

Apesar do projeto acontecer desde 2018, durante a pandemia as ações foram adaptadas para o formato virtual. Após esse período, no início do ano de 2022, retornou-se com os encontros presenciais, onde foram realizadas práticas de artesanato, autocuidado e relaxamento. Assim, houve a confecção de móveis, necessaires, toalhinhas, chaveiros, caixinhas, porta-sabonetes, porta-retratos, lembrancinhas do nascimento, naninhas, álbuns de maternidade, entre outros itens. Enquanto nos momentos de autocuidado, as mulheres receberam massagens faciais e nos ombros, cuidados com cabelo, unhas, sobrancelhas e pele.

Diante disso, este relato de experiência tem o objetivo de descrever as atividades realizadas com mulheres mães participantes do Projeto HumanizaÇÃO, a partir do retorno para a modalidade presencial, após o distanciamento social ocasionado pela pandemia de Corona vírus. Ademais, tem a finalidade de abordar as potencialidades do grupo, tanto para as mulheres mães participantes quanto para a equipe extensionista.

Metodologia

As ações do projeto acontecem no hospital Santa Casa de Irati, município do interior do estado do Paraná. As atividades são oferecidas semanalmente, com duração média de uma hora e meia, nas terças-feiras, nos sábados e, posteriormente, também nas quintas-feiras.

Ao longo dos anos, o projeto HumanizaÇÃO enfrentou inúmeros desafios e reinvenções, resultando em singularidades nas ações, de acordo com cada momento. Neste trabalho optou-se por abordar as vivências realizadas a partir do retorno para a modalidade presencial, após o distanciamento social ocasionado pela pandemia de Coronavírus. Dessa forma, no decorrer desse trabalho

serão apresentadas, concomitantemente com os relatos das experiências, fotos das ações realizadas e narrativas retiradas dos diários de campo escritos pelas extensionistas do projeto.

Tais diários contêm a descrição das ações e as impressões pessoais e reflexões de cada extensionista participante do encontro. Esses registros são feitos após a finalização de cada ação com as mulheres mães no ambiente hospitalar, sendo armazenados na plataforma Google Drive, o que garante a leitura dos textos por todas as integrantes da equipe. Assim, o diário de campo mostra-se como uma importante ferramenta de planejamento e avaliação das ações desenvolvidas (QUEIROZ et al., 2019)

Os dados trazidos neste relato foram coletados a partir das anotações registradas pela equipe nos diários de campo, considerando que se trata de uma pesquisa-ação, envolvendo 30 mulheres mães que já participaram das ações até o momento. A pesquisa-ação consiste em uma linha de pesquisa associada a ações, coordenadas em função da resolução de problemas ou com o objetivo de transformação, podendo ter caráter educacional, social, técnico, entre outros. A pesquisa-ação é uma ferramenta de investigação e trabalho com grupos e instituições, tendo o foco voltado para descrição e intervenção de problemas concretos que emergem do grupo operado (THIOLLENT, 2022). Dessa maneira, para poder construir o presente trabalho foram relidos todos os diários de campo, construídos após cada ação do projeto no hospital, e observados os temas e escritas que mais se faziam presentes.

A partir da leitura, foi possível reviver muitos dos momentos, podendo fazer com que a execução deste texto pudesse acontecer de forma mais viva, sendo que as autoras puderam relembrar de acontecimentos e ações, bem como reviver os sentimentos trazidos a partir da presença de cada mulher mãe participante e da forma como cada uma delas impactou a equipe executora. Para melhor relatar a construção e as experiências desses meses de ações, formaram-se três categorias, que serão apresentadas na sequência.

Este projeto de extensão e pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) conforme parecer 3.061.071 e somente após a sua aprovação as atividades tiveram início. Vale ressaltar que durante os encontros todas as mulheres mães foram informadas sobre as fotografias e concordaram em ser fotografadas, assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e Discussão

1. Entre o artesanato e o autocuidado: possibilidade de bem estar, escuta e autonomia

A equipe do projeto busca proporcionar momentos de bem-estar, descontração, lazer, escuta e acolhimento para as mulheres mães. Dessa forma, desde quando a equipe entra no ambiente hospitalar há uma dedicação em tornar o espaço acolhedor, confortável e aberto ao compartilhamento de experiências. Tais ações são pautadas na diretriz de ambiência da Política Nacional de Humanização (PNH) (BRASIL, 2004), a qual retrata o quanto o pensar no ambiente e no local que os/as usuários/as se encontram/permanecem é fundamental, podendo fazer com que este espaço facilite o contato visual, escuta adequada da fala, sigilo, entre outros, e assim torne possível o acolhimento.

O bem-estar proporcionado vem à tona nas falas, nas mudanças de expressão e no retorno das mulheres mães para as próximas atividades, demonstrando como o uso de mediadores em espaços de grupo de apoio são essenciais. Com a confecção de produtos para elas e para seus filhos, as ações assumem um caráter de acolhimento para as mães, visto que “muito além de ‘fazer coisas’ ou promo-

ver mudanças, elas desejam ser ouvidas, acolhidas e respeitadas em sua singularidade e dignidade” (SERRA; SCOCHI, 2004). Destaca-se que “Grupos de apoio são estratégias empregadas em diversas instituições do País para oferecer suporte emocional, prover informações e promover a socialização entre as mulheres que acompanham seus bebês na UTIN.” (BRUGNARA; TONI, 2023, p. 41). Esse contexto pode ser observado na fala de uma das integrantes da equipe executora:

Este encontro demonstrou mais uma vez a importância do projeto, a importância do nosso espaço e da nossa escuta. Mais uma vez demonstrou o quanto o artesanato e atividades são mediadores para o cuidado, visto que entre a execução da toalhinha e do crochê a K. pode trazer e expressar aquilo que teve vontade, pode ter um momento em que ela pode ser vista e acompanhada, principalmente neste momento de solidão que ela está vivenciando no hospital (Trecho referente à percepção de uma integrante, retirado de diário de campo realizado em 16 de julho 2022).

Imagem 1 - Imagem retirada das ações



Fonte: Extensionistas e mães participantes (2022)

*Legenda: Imagem de uma ação - confecção de toalhinhas com patch
aplique (foto tirada pelas integrantes do projeto)*

Em todas as ações, a vontade e a autonomia das mulheres ocupavam um lugar de prioridade, por isso, buscou-se atender às suas demandas. O protagonismo das mulheres era incentivado, assim como preconizado na PNH (BRASIL, 2004), sendo importante que as mulheres assumissem espaços ativos dentro do seu processo de participação nos grupos e também da hospitalização dos filhos.

Os grupos de apoio com pais de bebês prematuros possibilita que esses familiares tenham um espaço seguro para se expressar e falar o que desejarem, além de compartilhar suas vivências e sentimentos com outros pais que estão passando pelo mesmo e ser um facilitador durante todo o processo de internamento (MARCIANO; EVANGELISTA; AMARAL, 2019). Contudo, para que essas ações sejam efetivadas o vínculo e a confiança precisam estar presente nas ações do projeto, o que é visível no trecho de um diário de campo, referente à percepção de uma das integrantes do projeto, a qual evidencia a construção de vínculo entre equipe e mulheres,

A meu ver, a ação dessa quinta-feira foi muito produtiva, em diversos sentidos. As mães participantes, que já estão conosco há algum tempo, se mostraram muito à vontade para estar naquele local. Demonstaram tranquilidade em expressar seus desejos, ideias, compartilhar sobre suas vidas. É lindo ver os movimentos dessas mulheres no projeto: chegam acanhadas, tateando e tentando entender do que se trata, até que veem nesse espaço um local onde podem ser livres para compartilhar o que sentirem vontade, pois não serão julgadas (Trecho referente à percepção de uma integrante, retirado de diário de campo realizado em 07 de julho 2022).

Quando havia mulheres novas no alojamento da UTIN, geralmente, as integrantes do projeto dirigiam-se até o local para convidá-las para o grupo. Porém, com a ligação e apropriação proporcionadas pela continuidade das ações, elas passaram a se direcionar para a sala de reuniões para realizar as atividades sem que houvesse a necessidade de um convite. Aspectos pontuados por Scochi et al. (2004) que evidenciam que aos poucos as mulheres foram se permitindo descontraírem e que ao final da participação estas inclusive agradeciam pelos momentos compartilhados.

Além disso, no início da participação nos encontros, elas demonstravam timidez e quietude. Conforme a ocorrência dos encontros, as mulheres desenvolveram um vínculo com as extensionistas e apropriaram-se do espaço físico e simbólico, de forma cada vez mais potente, como observado em uma das falas de uma mulher mãe participante: “nossa, gostei muito desse espaço, aqui é muito legal” (M1, trecho retirado de diário de campo realizado em 19 de julho de 2022).

A imagem 2 também pode mostrar o vínculo construído, obtido como reflexo do acolhimento realizado, sendo que, durante a confecção de um objeto, a mulher participante optou por colocar fotos que retratam as ações do projeto no centro de seu material, o que pode demonstrar o carinho e o afeto transmitidos. O acolhimento, que proporcionou tal vínculo, é uma das diretrizes da PNH, realizado enquanto compromisso com o reconhecimento do outro e de suas vivências, diferenças, alegrias, dores, seus modos de viver, sentir e estar na vida (BRASIL, 2010).

Imagem 2 - Imagem retirada das ações



Fonte: Extensionistas e mães participantes (2022)

Legenda: Imagem de uma ação - confecção de caixinha de recordações (foto tirada pelas integrantes do projeto)

Pode-se afirmar que em meio aos materiais de artesanato, as mulheres mães compartilharam seus sentimentos acerca do acompanhamento do(a) filho(a), do ambiente hospitalar, das questões familiares e profissionais, da vivência gestacional e da diferença entre os filhos, quando havia outros. Diante disso, corrobora-se com Joaquim, Silvestrini e Marini (2014), bem como Contel e Junior (2000), os quais afirmam que a execução de grupos possibilita a reflexão sobre a saúde e o cuidado em um sentido ampliado, ultrapassando os limites do cuidado físico e biológico, o qual é muito presente no cotidiano hospitalar. A fala de uma das extensionistas revela tais momentos:

Muito interessante observar o vínculo que ela possui conosco e o quanto se sente à vontade para falar sobre vários assuntos. Interessante também perceber quando ela se anima com determinado assunto/temática/atividade, sendo que sua voz aumenta, ficando nítido sua empolgação. De fato ela pode deslocar sua atenção do filho que está internado, colocando energia e afeto em atividades e conversas, o que se torna muito terapêutico (Trecho referente à percepção de uma integrante, retirado de diário de campo realizado em 21 de julho de 2022).

Imagem 3 - Imagem retirada das ações



Fonte: Extensionistas e mães participantes (2022)

Legenda: Imagem de uma ação - confecção de álbuns (foto tirada pelas integrantes do projeto)

É perceptível as particularidades de cada participante nas ações, sendo que elas possuem e demonstram maneiras singulares de estarem e de se sentirem confortáveis no lugar. Algumas das mulheres já de maneira inicial comentavam sobre sua história de vida, família, emprego, cidade em que moravam, entre outros, bem como também questionava à equipe executora sobre essas questões. Outras já se mantinham mais em silêncio, mas fazendo questão de executar determinado material, tendo autonomia nas escolhas destes.

Muitas vezes o silêncio pode prevalecer dentro de determinado encontro ou uma participante em específico pode se manter mais em silêncio. Desse modo, de acordo com Buaski (2020) “ouvir o silêncio” se torna essencial durante execuções de ações como esta, pois este momento também se torna importante para a construção de cada mulher participante, sendo muitas vezes, um dos únicos espaços para que possam organizar pensamentos e/ou se distanciar de preocupações do momento. Além disso, a autora aponta a importância de suportar e sustentar esses silêncios, visto que por meio deles também é possível compreender as demandas e a experiência de cada uma delas nos encontros, por ter as trocas de olhares, expressões, posturas e desejo de permanecer nas ações.

Me senti confortável na ação, e mesmo com elas ficando mais em silêncio, foi muito interessante observar o quanto elas estavam se sentindo bem naquele espaço. Sendo que as duas direcionavam muita atenção e afeto para o material que estavam construindo. Pensando com cuidado nas cores, e combinações que iam fazendo (Trecho referente à percepção de uma integrante, retirado de diário de campo realizado em 18 de agosto de 2022).

Outro ponto que retrata o quanto o projeto pode oferecer um cuidado ampliado em saúde, refere-se a falas de algumas mulheres que afirmam o quanto se surpreenderam quando conheceram as ações, pois não imaginavam que teria esse espaço para elas, sendo retratado como um espaço de lazer, onde podem escolher realizar e conversar aquilo que desejam, tendo uma postura ativa e protagonista nos processos. Isso pode ser observado, também, através de outros estudos como o de Correia, Rocha e Dittz (2019), que evidenciaram que a realização de atividades em grupo configura uma forma de distração e desabafo dos sentimentos para as mães. A importância desses espaços também foi relatada em estudos realizados em muitos hospitais do Brasil (BRUGNARA; TONI, 2023), como o Hospital Sofia Feldman (DITZ; MADEIRA; DUARTE, 2004), onde há grupos de reflexão, com a leitura de textos e a realização de dinâmicas de grupo, coordenados pelo psicólogo do hospital.

Nesse sentido, as extensionistas do projeto HumanizaÇÃO observam a importância e o impacto dessas estratégias durante o desenvolvimento das ações, a partir de falar e relatos trazidos pelas mulheres na realização das atividades, como apresentado a seguir no relato de duas mães que passaram pelo projeto,

Mi. comentou o quanto era bom estar lá, que não imaginava que teria essas atividades no hospital e que era bom para distrair e ocupar o tempo (Trecho retirado de diário de campo realizado em 18 de agosto de 2022).

Mo. disse que gostou da ação e não imaginava que, no hospital, teria um grupo como o Humaniza (Trecho retirado de diário de campo realizado em 13 de agosto de 2022).

Aliado a isso, a participação das mulheres nas ações mediou a construção de uma rede de apoio entre elas. Em meio ao processo artesanal, as mães compartilharam as experiências vivenciadas na UTIN, o que proporcionou uma aproximação. Tal cenário pode ser visto em registros dos diários de campo: "As mães pareciam realmente felizes com os álbuns, mostrando as fotos umas para as outras" (Trecho retirado de diário de campo realizado em 28 de Outubro de 2022). Como posto por Neves e Dittz (2021), a interação favorecida pelas atividades em grupo permite a identificação entre as situações vividas por cada uma das participantes, de maneira que se forma uma rede solidária. Em outro estudo, o grupo de apoio foi descrito pelos familiares participantes como um espaço onde se identificam com outras famílias, que demonstram interesse em conhecer sua história e as vivências com o filho hospitalizado (BALBINO et al. 2015).

As ações de autocuidado, inicialmente, não foram uma demanda direta das mães, as quais buscavam direcionar cuidado e atenção exclusivamente ao bebê internado, afastando-se de práticas destinadas a si mesmas. Assim, a maioria delas demonstrava maior interesse em participar de ações de artesanato, especialmente, quando havia a confecção de peças para o filho. Isso pode ser consequência do receio e do medo de julgamentos e culpabilizações pelas demais pessoas por estarem cuidando de si em um momento onde os filhos podem estar correndo risco de vida. Atrelado a isso, a mulher acompanhante da UTIN sente-se útil quando confecciona um item para o filho (CORREIA, ROCHA e DITZ, 2019).

Nesse sentido, adotou-se estratégias de manejo para os desejos e demandas das mulheres mães. Dessa forma, outras ações, como o artesanato, foram ofertadas no início, com a finalidade de apresentar o projeto e gerar conforto. Posteriormente, abordou-se as propostas de autocuidado, como uma

única atividade ou uma segunda opção a ser realizada nas ações. Após alguns encontros, foi possível observar o interesse e a demanda das mulheres em relação ao autocuidado, o que não era visível anteriormente.

Foi notório o quanto elas foram se sentindo pertencentes ao espaço e observando que não seriam julgadas. Inclusive, começaram a pedir por autocuidado, apontando que após o parto prematuro houve a interrupção do mesmo, já que não tinham mais tempo em casa para realizar determinadas ações, como fazer a sobrancelha. Assim como exposto por Silva, Silva e Rocha (2018), é importante criar um espaço no qual essas atividades possam ser uma possibilidade para as mães, ou seja, oferecer a opção de escolha e, caso elas desejem realizar o autocuidado, desenvolver essas práticas com o objetivo de fornecer um momento de lazer, satisfação e conforto. Dessa maneira, o autocuidado pode se configurar como uma ferramenta de diminuição do estresse e ansiedade (MELO et al., 2021).

Assim, além de gerar autonomia e empoderamento, as ações de beleza e autocuidado vieram ao encontro dos relatos das mulheres acerca da ausência de tempo para realizar esse tipo de ação devido à rotina com o bebê na UTIN. Aliado a isso, ao explicar sobre os processos de maquiagem, massagens e cuidados com unhas e cabelos, as extensionistas possibilitaram que as mulheres pudessem realizar essas atividades em outros momentos e lugares.

Imagem 4 - Imagem retirada das ações



Fonte: Extensionistas e mães participantes (2022)

Legenda: Imagem de uma ação de autocuidado (foto tirada pelas integrantes do projeto)

Essas ações também fazem parte da prática de outros hospitais do país, como o Hospital Sofia Feldman (HSF), localizado em Belo Horizonte - Minas Gerais, que oferece assistência não só ao bebê como também à mãe, através do desenvolvimento de atividades como a criação de um salão de beleza em frente ao hospital, que promove o autocuidado junto à possibilidade do desenvolvimento de habilidades das mulheres a fim de oportunizar uma nova fonte de renda (SILVA; SILVA e ROCHA, 2018). Outro hospital que possui práticas voltadas às mulheres é o Hospital Universitário de Londrina (HUL), localizado em Londrina - Paraná, onde há a produção do Diário do Bebê, onde as mães têm espaço para registrar dados do bebê, da UTIN num geral, bem como expôr seus sentimentos, inseguranças, pensamentos e questionamentos gerados no período de internação (LEITE et al. 2016).

2. Dificuldades encontradas durante os processos: necessidade de adaptações

Durante as ações, algumas dificuldades ainda permaneciam no ambiente presencial. Por exemplo, enquanto equipe, principalmente no início do retorno das ações presenciais, sentiu-se que faltava espaço para o projeto dentro do hospital, o que dificultou muito as ações. Havia a necessidade de espaço para alocar o material (que é numeroso) como folhas, tesouras, colas, tecidos, máquina de costura, cosméticos, escovas secadoras, materiais que ocupam muito espaço e são pesados para o deslocamento em todas as ações.

Disponibilizou-se o espaço da sala de reuniões no hospital nos horários das ações, além de um armário para os materiais, mas como essa é uma sala muito utilizada, muitas vezes houve a necessidade de terminar as ações mais cedo do que o previsto ou procurar outro espaço dentro do hospital para que outros profissionais da instituição pudessem utilizá-la. Portanto, como apontado por Souza e Ferreira (2010), as limitações no espaço físico representam um obstáculo para a implantação da assistência humanizada.

Neste dia a sala de reuniões iria ser ocupada no período da tarde, e além disso, a pedagoga não estava na instituição, devido a contaminação de COVID-19. Dessa forma, foi ofertado para que as nossas ações desta semana aconteçam na sala ocupada por essa profissional. (Trecho retirado de diário de campo realizado em 05 de julho de 2022)

Além disso, também havia dificuldade em encontrar um horário em que as mulheres mães não estivessem ocupadas. Assim, as primeiras ações não puderam ser realizadas com as mulheres devido às complicações no horário em que as extensionistas haviam se programado para ir e o horário de disponibilidade das mulheres mães (dentro da instituição existem horários fixos para as refeições, visitas, entre outros).

De acordo com Cardoso e Toni (2023), a rotina das mulheres durante a hospitalização do filho se torna muito desgastante para as mesmas, visto necessitarem permanecer o dia no hospital, para acompanhar o filho e poder realizar a retirada do leite. Nesses momentos as mulheres vivenciam momentos de vulnerabilidades, visto a rotina hospitalar, seu contexto rígido e a gravidade do quadro de saúde do filho. A maioria das mulheres deixa de realizar nesses momentos de internação atividades de lazer e autocuidado com as quais podiam estar acostumadas. Muitas delas perdem suas cotidianidades, seus contatos com laços familiares e de amigos, para poderem focar na recuperação do filho, assim, muitas vezes o cuidado ampliado das mulheres pode se tornar limitado.

Após a resolução da questão dos horários foi também decidido em conjunto os dias fixos que as ações aconteceriam. Durante um período foi retirada uma mesa usada nas ações, sendo esta de grande importância, pois aproximava as mulheres e possibilitava melhor distribuição dos materiais.

Imagem 5 - Imagem retirada das ações



Fonte: Extensionistas (2022)

Legenda: Imagem da sala de reuniões - sem mesa para realização da ação Nota: Foto tirada pelas integrantes do projeto

Apenas depois de algumas semanas, e a partir de interlocução com os/as profissionais responsáveis do hospital foi possível adquirir novas mesas para utilizar durante as ações do projeto.

Neste dia consegui perceber como o ambiente influencia na vivência das mães com a atividade, um lugar pequeno, com uma mesa grande faz uma diferença significativa. As mães se sentem mais à vontade e próximas, os materiais dispostos na mesa facilitam o manuseio. (Trecho referente à percepção de uma integrante, retirado de diário de campo realizado em 05 de julho de 2022).

Apesar dessas dificuldades encontradas, a necessidade de readaptação acabava gerando uma movimentação nas extensionistas, fazendo com que desenvolvessem novas possibilidades, se reinventando, o que aumentava o repertório delas diante da vida e trajetória profissional, não deixando de cumprir o objetivo principal do projeto.

Apesar da necessidade rápida de adaptação no que diz respeito ao local, a ação aconteceu de forma muito satisfatória e cumpriu seu objetivo central: oferecer um espaço de lazer, distração, compartilhamento e consequentemente, humanização para as mães. (Trecho retirado de diário de campo realizado em 07 de junho de 2022)

Foi possível observar, também, que o objetivo do projeto estava sendo, aos poucos, compreendido pelas mulheres mães participantes, mesmo para as quais eram novas no alojamento da UTIN e, após a criação de vínculo para com estas e apropriação do espaço proporcionados pela continuidade

das ações, elas passaram a se direcionar para a sala de reuniões para realizar as atividades sem que houvesse a necessidade de convidá-las.

3. A importância da extensão para a formação acadêmica

A extensão universitária como um processo interdisciplinar, científico, tecnológico e propulsor de transformações dentro das instituições de ensino e na sociedade, ocorre a partir da articulação entre ensino, pesquisa e compartilhamento de conhecimento entre todos os indivíduos inseridos nesse contexto (BRASIL, 2018). Nesse sentido, buscar a ampliação da transmissão de conhecimentos para fora das salas de aula, diversificando a educação, possibilita o desenvolvimento de alunos críticos e protagonistas, com habilidades e competências para atuar de forma íntegra e humanizada na sociedade. Nesse sentido, o projeto Humanização proporciona às acadêmicas uma imersão no campo da saúde e, conseqüentemente, experiência no trabalho multidisciplinar presente nesses espaços, além de possibilitar trocas e experiências com as mulheres acompanhantes de bebês prematuros.

As extensionistas relatam o quão notável e essencial para a formação das mesmas, cada ação se fez e faz. A habilidade de escuta qualificada e de proporcionar acolhimento se tornou possível diante da prática na extensão, de uma forma única para cada participante da equipe, e promoveu bem-estar (tanto para as mulheres quanto para as integrantes) frente a cada ação executada, além do sentimento de dever cumprido a cada experiência dentro e fora do hospital, como pontuado por Coelho (2015):

Uma participação mais ativa e dialógica junto à comunidade extramuros é cada vez mais requerida. Percebe-se, nesse contexto, um crescimento do fomento à extensão universitária, não só para atender às demandas externas, como também para contribuir com a produção de novos conhecimentos e a qualificação do corpo docente e discente. Além disso, a extensão passou a ter uma dimensão pedagógica, em tese, contribuindo também para o aprendizado e a formação dos estudantes universitários (COELHO, 2015, p. 20).

Durante as ações, pôde-se observar que as mulheres mães percebiam os encontros como um lugar de apoio no qual elas poderiam compartilhar suas angústias, suas vitórias e seus desejos. Esse lugar de acolhimento proporcionou a criação de vínculo com as participantes e as extensionistas, fazendo com que elas se sentissem à vontade para escolher atividades que desejavam realizar; trouxe um momento em que elas pudessem refletir sobre a vida delas, não só como mãe, mas também como mulher, solicitando atividades para elas também, não somente produzindo coisas para o bebê, como foram as ações de autocuidado, até mesmo a confecção com a finalidade de uso próprio, ao invés de produzir algo para o bebê.

Poder proporcionar esse espaço de acolhimento gera um sentimento de bem-estar não só nas mulheres, mas também nas extensionistas. A criação de vínculo é percebida cada vez mais, principalmente nas ações de autocuidado em que as extensionistas participam ativamente das atividades, inclusive, com uma maior aproximação física. As ações acabam por ser um momento de distração não somente para as mulheres mães, já que são previamente planejadas e os extensionistas aprendem antes o que trabalharão durante a ação.

Essa preparação gera a distração das preocupações acadêmicas, pois é focado na produção de habilidades que serão repassadas e, com isso, produz bem-estar, não somente durante a preparação, mas também no momento em que realiza-se às atividades com as mulheres mães. Esse vínculo e

bem-estar é percebido quando as participantes começaram a procurar voluntariamente o projeto, sem que precisassem convidá-las para as ações, mas também é notável a partir do momento em que elas começam a solicitar atividades específicas que queiram realizar, se sentindo, assim, pertencentes ao grupo, de modo ativo.

As ações do projeto causam grande efeito em nós extensionistas, o contato mais próximo com as mães e a adesão delas as atividades causam alegria, aumentam nosso empenho e criatividade para novas ações. Sair do hospital após as ações é como recarregar energias. (Trecho retirado de diário de campo realizado em 14 de junho de 2022).

Conclusão

O projeto “HumanizAÇÃO” desde 2018, ano de seu surgimento, passou por muitas mudanças e transformações, no entanto nunca perdeu de vista o seu objetivo principal: Fornecer um lugar de acolhimento e escuta para mulheres mães acompanhantes de bebês prematuros internados na UTI Neonatal do hospital no qual as ações acontecem. Dessa forma, através de atividades de artesanato, autocuidado e beleza, por exemplo, busca auxiliar na ressignificação das vivências dessas mulheres que se encontram extremamente fragilizadas e atravessadas por diversos sentimentos, sendo possível evidenciar, angústia, medo e tristeza.

Posto isso, o projeto se reinventou e continuamente busca adaptar-se para tornar a humanização viva e presente na difícil trajetória das mulheres mães acompanhantes da UTIN. Esses movimentos de mudança revelam a potencialidade de ações como essas em fazer valer o que é previsto na Política Nacional de Humanização (PNH) de maneira prática nos serviços de saúde.

Além de fazer a diferença na permanência das mulheres mães no hospital, também se apresenta como forma privilegiada de aproximar da PNH profissionais da saúde ainda em seu processo formativo. Essa aproximação aumenta as chances de que esses profissionais, em suas futuras práticas, possam contribuir para a transformação da cultura institucional dos serviços de saúde do Sistema Único de Saúde, realizando uma atuação verdadeiramente interdisciplinar e humanizada.

Além disso, dentre as mudanças citadas acima é possível destacar o direcionamento das ações do projeto para o empreendedorismo social, buscando a partir das atividades realizadas nos encontros, empoderar essas mulheres mães. Desta forma, o projeto HumanizAÇÃO e suas estratégias de atuação concomitantemente com o empreendedorismo tem como finalidade promover mudanças e transformações na vida das mesmas, assim como um olhar mais autônomo para essas mulheres.

Referências

- BALBINO, F. S.; YAMANAKA, C. I.; BALIEIRO, M. M. F. G.; MANDETTA, M. A. Grupo de apoio aos pais como uma experiência transformadora para a família em unidade neonatal. **Esc. Anna Nery**, v. 19, n. 2, p. 297-302, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/gqMTG77bnPWXDHZJTn9JYDN/?format=pdf&lang=pt>>
- BARBOSA, P. B. Maternidade e os não-lugares da mulher que é mãe. **Rev. África e Africanidade** - Ano XI, n. 29, 2019. Disponível em: <<https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0300022019.pdf>>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização**: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf>.
- _____. Portaria nº 1.350, de 17 de dezembro de 2018. Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 dez. 2018, Seção 1, pág. 34.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. – 2. ed. 5. reimp. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. 44 p. : il. color. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) ISBN 85-334-1268-1
- BRUGNARA, Letícia Cruz; TONI, Caroline Guisantes de Salvo. O Cuidado Humanizado em Contextos de UTIN no Brasil: Uma revisão sistemática da literatura. In: FUJINAGA, Cristina Ide; TONI, Caroline Guisantes de Salvo; BUASKI, Jaqueline Portella. **A HumanizaÇÃO em UTIN**: Novos Caminhos. [S. l.]: Bagai, 2023. cap. 2, p. 33-52. ISBN 978-65-5368-188-0.
- BUASKI, J. P. **Fotografias e Narrativas** – A vivência de mães de prematuros na tecnologia de cuidado “Humanização”. 2020. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário). Universidade Estadual do Centro Oeste.
- CARDOSO, V. T.; TONI, C. G. S. (2023). Narrativas de mulheres mães: vivências e ressignificações diante da prematuridade extrema. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 12, e4659. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2023.e4659>
- COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 11–24, 2015. DOI: 10.14393/REE-v13n22014_art01.
- CONTEL, José Onildo B.; OLIVEIRA JUNIOR, Jair Franklin de. Grupos de apoio de curta e longa duração em hospital geral universitário. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 141-148, 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-2970200000100019&lng=pt&nrm=i-so>.
- CORREIA, L. A.; ROCHA, L. L. B.; DITZ, E. S. Contribuições do grupo de terapia ocupacional no nível de ansiedade das mães com recém-nascidos prematuros internados nas unidades de terapia intensiva neonatal. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 574-583, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1694>.
- DITZ, E.; MADEIRA, L. M.; DUARTE, E. D. Alojamento Materno: construindo uma estratégia de humanização da assistência. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 8, n. 4 p. 490-494, 2004. Disponível em: <<https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/710#:~:tex-t=Como%20uma%20estrat%C3%A9gia%20de%20humaniza%C3%A7%C3%A3o,%20que%20diz%20no%20art.>>>.
- HERBERTS, D. L. Narrativas de mulheres frente ao seu (des)encontro com a maternidade. 2019. 49 p. Monografia (Bacharel em Psicologia) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2540>>.

JOAQUIM, R. H. V. T.; SILVESTRINI, M. S.; MARINI, B. P. R. Grupo de mães de bebês prematuros hospitalizados: experiência de intervenção de Terapia Ocupacional no contexto hospitalar. **Cad. Ter. Ocup.**, UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 145-150, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/cto.2014.016>>.

JOST, D. Ser mãe, ser trabalhadora: significações do trabalho após a licença-maternidade. 2018. 29 p. Monografia (Bacharel em Psicologia) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/2230>>.

LEITE, C. C. P. et al. O Diário do Bebê para a mãe de prematuro: apoiando o cuidado centrado na família. *Revista de enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 01-06, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2016.8664>>.

LIMA, L. G.; SMEHA, L. N. Experiência da maternidade diante da internação do bebê em UTI: uma montanha russa de sentimentos. **Psicologia em estudo**, v. 24, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/psico-lestud.v24i0.38179>>.

MACHADO, A. C.; SILVA, C. C; MELO, S. L. M; SILVA, A. M. B. Transformações da identidade feminina ao tornar-se mãe. **Rev. Psicologia Argumento**, v. 38, n. 99, p. 66-87, 2020. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Desktop/26013-52871-1-PB.pdf>>

MARCIANO, R. P.; EVANGELISTA, P. G.; AMARAL, W. N. do. Grupo de mães em UTI neonatal: um espaço de escuta e intervenção precoce em psicanálise. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 48-67, 2019. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/206>.

MELO, N. M. N.; SILVA, M. L. T.; SANTANA, A. P. S.; ZAGMIGNAN, E. V.; NOLÊTO, B. C. A prematuridade e o bem-estar mental materno: uma revisão integrativa. **Rev. Casos e Consultoria**, v. 12, n. 1, p. e27355, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/27355/15090>>

NEVES, Jessica Rodrigues; DITZ, Erika da Silva. Percepção materna sobre grupo de reflexão durante internação do neonato na Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. SBPH**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 62-75, dez. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582021000200006&lng=pt&nrm=i-so>.

QUEIROZ, V. D. C.; SILVA, M. T.; SANTOS, L. M. S.; TAVARES, S. F. O diário de campo e suas contribuições para o processo de formação profissional. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS*, 16, 2019, Brasília. Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Brasília, 2019. p. 1-11. Disponível em: <<https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1065/1042>>

SANTOS, M. A.; BRITO, J. S.; RABELO, A. R. M.; GOMES, S. O. L.; SILVA, L. P.; MARCELINO, J. F. Q. Rotina ocupacional de mães acompanhantes de bebês prematuros internados na Unidade Neonatal. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. 1-25, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7593>>.

SCOCHI, C. G. S.; BRUNHEROTTI, M. R.; FONSECA, L. M. M.; NOGUEIRA, F. S.; VASCONCELOS, M.G.L.; LEITE, A. M. Lazer para mães de bebês de risco

hospitalizados: análise da experiência na perspectiva dessas mulheres. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 12, n.5, p.727-35, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692004000500005>>.

SERRA, S. O. A.; SCOCHI, C. G. S. Dificuldades maternas no processo de aleitamento materno de prematuros em uma UTI neonatal. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 12, n. 4, p. 597-605, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692004000400004>>.

SILVA, C. C; SILVA, E. D; ROCHA, L. L. B. O salão de beleza como recurso no acompanhamento das mães de recém-nascidos internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal. **Cad. Bras. Ter. Ocup.** São Carlos, v. 26, n. 3, p. 569-579, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1122>>.

SOUZA, K. M. O.; FERREIRA, S. D. Assistência humanizada em UTI neonatal: os sentidos e as limitações identificadas pelos profissionais de saúde. **Rev. Ciência e Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, p. 471-480, 2010. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v15n2/v15n2a24.pdf>.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez editora, 2022.

VASCONCELOS, M. G. L.; FERREIRA, E. B.; SCOCHI, C. G. S. Vivência materna no grupo de apoio à mãe acompanhante de recém-nascidos pré-termo. **Revista Mineira de Enfermagem**. Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 167-172, 2008. Disponível em: <<https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/253>>.